

HISTÓRIA DAS ALDEIAS MANGUEIRA E BACURIZINHO NO MUNICÍPIO DE GRAJAÚ – MA PELAS VOZES DOS MAIS VELHOS

*HISTORY OF THE MANGUEIRA AND BACURIZINHO VILLAGES IN THE
MUNICIPALITY FROM GRAJAÚ – MA THROUGH THE VOICES OF THE OL-
DER PEOPLE*

Manoel Pereira Guajajara 1
Marize Helena de Campos 2

Resumo: Este capítulo, derivado do TCC apresentado para obtenção de grau de licenciado em História na Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú, tem como proposta revisitar histórias das Aldeias Mangueira e Bacurizinho do município de Grajaú do Maranhão contadas pelos índios mais velhos destas duas aldeias.

Palavras-chave: Aldeia Mangueira. T. I. Bacurizinho. Cultura. Educação. Etnia Guajajara/Tenetehara.

Abstract: This chapter, derived from the TCC presented to obtain a degree in History at the Federal University of Maranhão - UFMA - PARFOR - Grajaú, aims to revisit stories from the Mangueira and Bacurizinho villages of the municipality of Grajaú do Maranhão told by the older Indians of these two villages.

Keywords: Hose Village. T. I. Bacurizinho. Culture. Education. Ethnicity Guajajara / Tenetehara.

1 - Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú, 2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9458-5389>. E-mail: manoelpereiraguajajara1@gmail.com

2 - Doutora em História Econômica FFLCH – USP. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) – UFMA. Colaboradora Doutorada do Centro de Humanidades CHAM/ Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-6237>. E-mail: marize.campos@ufma.br

Introdução

Na condição de índio Tenetehara, tive a atenção despertada para o tema deste trabalho como forma de valorizar um pouco da cultura indígena do Estado do Maranhão.

A criação deste trabalho tem ainda o propósito de enriquecer culturalmente a mim próprio, em uma espécie de reencontro e (re)conhecimento que conjuga o aumento da bagagem cultural e dos conhecimentos históricos dos índios que foram os primeiros a fazer morada nos lugares hoje denominados Aldeia Mangueira e Aldeia Bacurizinho e valoriza a cultura dos índios que buscam na educação escolar da última aldeia retratada neste trabalho, possibilitando que eu, índio Tenetehara e autor deste TCC alcance aspectos tão importantes da história dos que vivem nesta região deste grande Estado Maranhense.

Breve história do povo tenetehara no maranhão contada através das gerações pelo seu próprio povo

todas histórias dos povos indígenas do Maranhão são parecidas com as histórias dos indígenas de outros Estados brasileiros, marcados pelo prejuízo decorrente da ganância do homem branco pelo ouro ou pelas terras mais próximas das águas. Aqui, pelos relatos dos mais velhos, temos agora registradas histórias importantes que falam e dos nossos antepassados bem como da nossa trajetória.

- Relato da história dos Tenetehara da Aldeia Mangueira feito pela índia Murukenara de 80 anos (mãe do pesquisador deste trabalho)

A resistência dos Tenetehara (Guajajara) sempre foi parte da história de vida do nosso povo, os antepassados ocuparam vários locais da região sul do município de Grajaú de cabeceira pra baixo do Rio Mearim morava um grupo dos Tazahuymán Tenetehara com suas famílias aproximadamente na Cachoeira dos Morcegos que recebeu outro nome (atual Cachoeira dos Pesqueiros).

Porque morava lá um pajé que transformava objetos ou pedaço de vidro,

madeira, carvão em morcego e enviava para matar o seu inimigo, mesmo se este inimigo estivesse muito longe, só citava o nome da pessoa que a família desse pajé após a morte homenageava o nome do local (yryapú-anyraymãñ) – que significa na nossa língua a Cachoeira dos Morcegos.

Com o passar do tempo os criadores de gado o pai do Salomão Barro que chegou no local com sua família fingindo ser amigo dos Tenetehara que frequentava aldeias e os Tenetehara foram se chegando até que na brevidade o senhor o pai de Salomão trouxe grande quantidade de gado e animais de pequeno porte, quando sumia a criação desse senhor suspeita os Tenetehara e assim esse foi uma maneira de pedir a retirada dos nativos dos seus locais quando não queria invadir aldeia e procura uma forma de não se confrontar com os vizinhos Tenetehara porque

o pai do Senhor Salomão ou família foram crescendo.

Se apossando da terra dos Tenetehara sem eles perceber e aconselhada os Tenetehara para fazer sua moradia mais pra baixo porque ali morava e muita criação não podia fazer observação as suas roças porque os não deixava, e os índios obedeciam ao pedido e procurava os seus destinos.

*Ou lugar livre da cabeceira do rio fundaram a Aldeia Nazaré, onde morreu uma velha índia Pajé por nome Nazaréyman, depois na Aldeia Kwaty – porque na concepção dos Tenetehara esse fazendeiro Salomão Barros **não fora muito cruel com os Tenetehara, vizinhos porque os índios trabalhavam muito em troca de algumas mercadorias, milhares em consideração de compadre porque eles tinha amizade com alguns filhos de índio e filho do cacique que se chamava Karaiw-Katú branco - e gente boa.***

Finalmente famílias desse grupo se estabeleceram na Aldeia Yhapaw Morro e atual Aldeia Itapetapew, mora descendente do Tazahuyman. Que são da família do Moisés e fez esse percurso foram familiares do Tazahuymán nominado pelos missionários como Manoel Joaquim com seus filhos e genro e cunhado o filhos mais velho do Tazahuymán se chamava Katimir no período que mora na Aldeia Yhapaw o Governo Imperial criou Projeto de Instituto que obrigou a captura das crianças índias para levar ao internato referenciado no Alto Alegre no município.

Mas não escapavam de ter os vizinhos não indígenas que também morava os compadres bem próximo da Aldeia do Tazahuymán (Manoel Joaquim). Que sofreu despovoamento de sua população de vários lugares no período de processo de execução de instituição. Do Instituto instalado no Alto Alegre.

- Relato da história dos Tenetehara da Aldeia Mangueira pela voz da neta do Tazuymã (a Murukenara) sobre o problema no Alto Alegre

Com o decreto do Governo Imperialista no Maranhão no fim do século XIX os índios perderam parte do bem-estar em poder criar suas crianças dentro de seus costumes, e, meus pais me contavam que, o Tazahumám (chamado pelos padres capuchinos de Manoel Joaquim) foi surpreendido pelo grupo de padres capuchinos na caminhada da cidade de Grajaú, os Teneteharas se deslocam para fazerem suas compras, e se depararam numa residência de um senhor com os padres já próximo da cidade que o Tazahuymán já estava chegando na cidade.

Sendo que os capuchinos tinham parado ali para preparar os seus alimentos para prosseguirem suas rotas em busca de crianças índias na aldeia e o João Caboré estava na Companhia para facilitar a captura das crianças nas aldeias da região. Quando os capuchinos viram o velho índio Tazahuymán com sua filha e todos foram a direção que cercaram – antes os capuchinos pressionar o velho índio o Kawyreymán, aconselhou parente para não falar nada a respeito de sua família, porque o padres estavam pegando as crianças para levar ao internato no Alto Alegre que já estava construído uns estabelecimento institucional estruturado na localidade – Criolí o ponto de caça dos

índios na Epuca atualmente Alto alegre.

O momento que o índio ficou detido ou pressionado para entregar os outros parentes também não entregou a família e, perguntaram ele veio fazer o que na cidade e o Tazahuymán (Manoel Joaquim) declara que veio atender o recado do seu patrão que havia mandado para vir, conversar com ele para tratar de assunto sobre viagem de canoa vareira na Vitória.

E a mostrou a sua marca de identificação de vareiro feito de tatuagem era considerado como a propriedade do dono de embarcação que navegam mercadoria no rio Grajaú, e soltaram o velho Tazahuymán e ele desistiu de terminar de chegar à cidade. E procurar o atalho para chegar primeiro na aldeia mais depressa.

*A chegada no Yhapaw e o porto frequente pelos Tenetehara da aldeia e estavam quase todas as crianças tomando banho no rio, e o vô vendo os seus netos e gritar de longe para sair que os padres estavam chegando com as tropas para pegar todas as crianças e fugir para lugar seguro, e todos saíram na mata no instante que os capuchinos subiram ao morro e encontrar **só uma moça que não queria seguir os outros, porque os pais tinham saído para a roça** e ficou a filha para cuidar da panelada*

de tatu que cozinava.

Os pais iam servir na chegada da roça por isso ela fez questão de não abandonar a panelada para não desobedecer aos seus pais. Os parentes insistiram para ir fugir junto e ela não foi que já estava no ano de espera de primeira menstruação, que todos já estavam se preparando para fazer festa tradicional (moqueado) festa da menina moça.

Essa mocinha era filha do filho mais velho do Manoel Joaquim que chama Katimir e os capuchinos pegaram essa jovem filho de Katimir-Yman também Tazahuymán se entregou porque a neta não queria sair para o refúgio e foi amarrada que forçaram para localizar as famílias e levaram amarrada nos braços atrás força para chamar os índios na linguagem castigavam o velho Tazahuymán grita na linguagem: peho péakwena 'u p'tywá.

Quando o pai da menina moça índia chegou na sua casa e soube que os capuchinos tinham levado sua filhinha este ficou revoltado com os familiares que não impediram isso. E os pais foram morar bem próximo da Escola Católica dos Capuchinos no então Povoado do Alto Alegre para ficarem perto da filha. Até conseguir resgatar a filha e fugir pela mata até a aldeia Yhapaw fugindo, ainda, do conflito do Alto Alegre.

Histórias da aldeia mangueira

A Aldeia Mangueira surgiu há muitos séculos, quando o indígena já sabia da existência

do homem branco, era sem nome e os indígenas socialmente pouco organizados. Somente depois do Massacre do Alto Alegre é que a Aldeia Yhapaw foi desfeita (dentre outras pequenas aldeias) e os indígenas se organizaram para formar uma grande comunidade hoje chamada de Aldeia Mangueira.

Era um tempo quando a natureza era preservada e, cada indígena pensava em ter apenas o que lhe fosse necessário para sobreviver com algum conforto básico, caçando, pescando plantando mandioca para fazer tapioca, tirando da natureza apenas o que lhe era preciso para viver bem.

Localizada dentro da Terra Indígena Bacurizinho, a Aldeia Mangueira é um ponto de referência da força e da sobrevivência dos indígenas com história de vida em Grajaú e em outras cidades desta região Centro Sul do Estado do Maranhão. A Aldeia Mangueira **é formada por** indígenas da etnia Tenetehara/Guajajara cuja origem é o litoral brasileiro, vindo para o sul do maranhão devido às perseguições do homem branco no anseio por domínio de terras para construir fazendas produtoras de gado de corte.

Muitas histórias sobre a Aldeia Mangueira são contadas pelos caciques que são mais velhos, que sabem mais da história de lutas e de sobrevivência dos indígenas Tenetehara/Guajajara em toda essa região do Sul do Estado do Maranhão.

Porque os relatos dos “**índios**” velhos são verdadeiros para os moradores de suas aldeias.

Preservar a cultura Tenetehara da T. I. Bacurizinho é dever da FUNAI e dos próprios indígena. E todos têm essa mentalidade porque vivem a história de seus antepassados que eram legítimos, caçadores, pescadores, e construíam suas moradas com os recursos da natureza. Tirando o suficiente para viver bem das frutas do cerrado e do plantio de mandioca para fazer tapioca.

A descendência familiar do pajé Tazahuymã (que viria a ser chamado de Manoel Joaquim) através de Raimundo Lopes passou a exercer liderança política nas aldeias da T. I. Bacurizinho, junto ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que, com o tempo, foi convertido em Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Dentro das Aldeias Bacurizinho da T. I. Bacurizinho, os moradores indígenas mais velhos foram entrevistados e também deram relatos de experiências com a reinauguração da Aldeia Mangueira com o fim do conflito do Alto Alegre no início do século XX quando o Tazawimany (Manoel Joaquim) fundou a Mangueira e, seus descendentes que foram entrevistados.

Como a índia Munukenara, Moisés de Sousa, Felipe Ka`apora descendentes do Tazawimany. Bem como consulta a funcionários da Funai como Manoelzinho; Josué de Souza; Juarez Pereira Bernardo Guajajara 82 anos e Murukenara (Maria Guajajara) 75 anos; Felipe Rodrigues Ka`apora 69 anos (cacique da Aldeia Ka`apora na TI, Bacurizinho) e a **índia Ani Guajajara (70 anos)** da aldeia Igarana que foi desativada passando a ser parte da Aldeia Bacurizinho.

As entrevistas aconteceram dentro da Aldeia Mangueira e de outras da T. I. Bacurizinho quando foi utilizado o questionário para obter respostas escritas para as perguntas relativas à história das Aldeias mangueira e Bacurizinho que ficam dentro do município de Grajaú – MA.

Indígena Josué de Sousa, Guajajara 74 anos (cacique da Aldeia Caboclo na T.I Bacurizinho)

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

No que eu lembro morei na Aldeia Olho d`água com minha família no ano de 1979 que fica a uns 12 quilômetros da Aldeia sede Bacurizinho. Mas, em 1998 eu passei a morar na Aldeia Caboclo com a esposa e filhos. Muitas outras famílias indígenas foram morar nesta aldeia Olho d`água e

Caboclo porque por lá tinha boas caças. Onde já tinham famílias de índios morando a muitos tempos atrás.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia

Ela é uma aldeia antiga mesmo, e, Bacurizinho sempre foi lugar livre para os indígenas e, na segunda metade do século vinte esta aldeia cresceu bastante. E, vem se modernizando. A Bacurizinho se formou porque tem muita água para atender aos índios.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco?

Eu sempre vejo isso, e acho que é natural isso acontecer. Mas também é correto que as tradições sejam mantidas para conservar a identidade dos índios Tenetehara.

E, em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

Eu sei que os alunos índios gostam de ir para lá e estudar; aprender coisas da educação dos cristãos. Penso que é algo bom sim.

Sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

É que antigamente os índios plantavam para o próprio alimentar, e, quando sobrava os cidadãos de Grajaú vinham comprar o que os índios tinham de sobre como: o couro de veado, couro onça, de caititu e outros. Mas, também o excedente de grãos como arroz e tapioca.

O **índio** Josué de Sousa deu sua entrevista com respostas a todas as perguntas como lhe foi possível responder falando e o pesquisador escrevendo suas respostas para concluir o trabalho com ele. Depois dele foram entrevistados o pai e a mãe do pesquisador que são o indígena Juarez Pereira Bernardo Guajajara 82 anos e Murukenara (Maria Guajajara) 75 anos por serem velhos e conhecedores da história das Aldeias Mangueira e Bacurizinho cujos avós eram *índios* inauguradores da Aldeia Mangueira.

Quando a antiga Aldeia da Pedra secou suas águas do poço obrigando os Tenetehara a formar a mangueira juntamente com indígenas de outras pequenas aldeias que, apoiados pelos agentes do SPI concordaram que quando os indígena se unem eles se fazem mais fortes e mais protegidos.

Casal de *índios* Tenetehara Juarez Pereira Bernardo Guajajara 82 anos e Murukenara (Maria Guajajara) 75 anos meu pai e mãe conhecedores da História da Aldeia Mangueira

Estas entrevistas foram feitas na porta de casa dos pais do pesquisador dentro da Aldeia Mangueira para poder apresentar aqui suas respostas sobre a formação das Aldeias Mangueira e Bacurizinho no questionário.

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

Tivemos que sair da Aldeia Mangueira para ir para a Bacurizinho no ano de 1955 quando a Mangueira ficou abandonada num período de 45 ou 46 anos.

Eles dois têm muitas memórias do que aconteceu com estas duas aldeias, que a Mangueira já existia a séculos, mas, a Bacurizinho foi fundada porque o poço da Aldeia da Pedra foi remexido muito e secou obrigando os indígenas a irem para uma área de mais recursos como água de rio para poder crescer.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia

O que sabemos é que os índios Teneteharas eram perseguidos depois do massacre do Alto alegre e, que foi preciso deixar outras aldeias para depois formar a Bacurizinho com a ajuda do Serviço e Proteção ao Índio SPI e, foi aí que no início do século vinte esta aldeia Bacurizinho foi formada com as primeiras famílias como do Raimundo Lopes e uma velha por nome Zuruka com seu esposo Otoza'i que fez a terceira casa na fundação da aldeia Bacurizinho. E, também teve o índio Pedro Marizê com sua família formando a Aldeia Bacurizinho no início do século XX. E, depois foram se juntando e a aldeia começou a crescer muito como ela é no dia de hoje.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco?

Até acreditamos sim, porque as vestes mudaram e o índio aprendeu a usar calçados e utilizar equipamentos de plantio. Mas, a educação inicialmente com os missionários capuchinos que levavam as crianças contra a vontade dos pais para os conventos, depois os missionários crentes e depois escolas indígenas que foram criadas nas aldeias buscam educar na formação do branco, mas, respeitando as tradições do índio que vem desde os antepassados porque os professores são índios.

E em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

As escolas já aconteceram nos tempos mais recentes de dois mil pra cá e, os índios vão para lá porque gostam de aprender a educação dos cristãos para chegar na universidade e aprender a ser professor por aqui mesmo. Tendo um filho cacique e diretor da Escola Indígena Mangueira os pais do pesquisador sabem bem o que falam nesta pergunta 4.4.4. É que o surgimento das escolas trouxe par aos índios uma direção para gostar de estudar e poder trabalhar como educadores no futuro. Ou seja, uma nova esperança de viver melhor uma vez que cada vez mais as aldeias oferecem poucas oportunidades de crescimento aos indígenas.

Sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

Sobre a Aldeia Bacurizinho onde viemos morar sempre tivemos boas relações com os outros índios das aldeias que fazem parte dessa grande área de terras indígenas. Houve uma organização de serviços coletivos para construção de casas e estradas convidando outros caciques das aldeias vizinhas. E, também havia união para possibilidade de combate na defesa de todos os índios. Mas, também nas reuniões de organização de casamentos sempre houve

muita colaboração dos índios e problemas internos a comunidade se unia para resolver pacificando os problemas entre os índios. Mas, também é verdade que nos dias de hoje existe menos união entre os indígenas Tenetehara e, mais participação da Funai na solução dos conflitos internos. Mas, em se tratando de reunião para fazer as casas poucos existe colaboração nos dias de hoje. Pois, a dificuldade é maior quando falta dinheiro.

Índigena Moisés de Sousa Guajajara 68 anos (índio cacique da Aldeia Itapew na T. I. Bacurizinho)

Este entrevistado indígena, chamado Moisés de Sousa Guajajara de 68 anos, se sente muito como descendente de Tazahuyman que fundou as Aldeias Ihapaw e Mangueira. E, é por isso que este índio foi escolhido para dar entrevista.

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

Eu fui morar na aldeia Bacurizinho junto com meus pais em 1955, no ano de 2000 tive que criar a Aldeia Itapew onde estou morando até hoje como o cacique desta aldeia. Este índio cacique Moisés de Sousa Guajajara teve um pai chamado Tazahuyman um grande pajé que, vivendo no passado por volta de início do século XX tinha um costume de se sentir como um porco selvagem que se embrenhava ano mato desaparecendo por semanas ou mês e depois aparecia quando todos pensavam que ele já havia sido morto.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia.

Eu sei que a Bacurizinho foi a soma de muitas outras aldeias que se desfizeram porque na região que hoje é mais rica de caças e tem o rio Mearim que permite o crescimento dos indígenas.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco?

É de acreditar sim, e por um lado algumas coisas mudaram para melhor e, por outro lado para pior porque a liberdade dos índios Guajajara ficou mais limitada. *Apensar das demarcações de terras indígenas.*

E em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

Na minha opinião isso já era esperado pelos meninos e meninas da aldeia. E, que é uma coisa boa para eles por ser diferente e importante para ficarem espertos e melhor preparados para viver na cidade. Ele demonstra concordar com a criação da escola nas aldeias da T. I. Bacurizinho. O que é bom de se ouvir. Uma vez que a educação vem transformando a vida dos alunos indígenas para melhor.

Sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

Eu só penso que desde de sua formação a Bacurizinho já representava a união dos índios que precisavam se mudar de onde vivia como a Pedra por causa da escassez de água. E, que a aproximação com o rio Mearim é de suma importância para a sobrevivência sadia dos Guajajara/

Tenetehara. Que, foi ótimo ter sido uma terra indígena demarcada pelo SPI e FUNAI.

Indígena Felipe Rodrigues Ka`apora 69 anos (meu tio, cacique da Aldeia Ka`apora na T.I, Bacurizinho)

O indígena Felipe Rodrigues Ka`apora que é cacique de sua Aldeia Kaypora e filho do **índio** Teodoro Ka`apora Rodrigues Guajajara tem muitas memórias de seus pais e de seus avós que lhe contavam sobre a formação das duas aldeias Mangueira e Bacurizinho. Ele demonstra interesse em documentar esta parte da história dos Tenetehara por ser importante para o futuro dos indígenas.

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

Quando eu era muito criança aprendendo a andar meus pais vieram para a Aldeia Bacurizinho no ano de 1955, mas, fomos morar na Aldeia Caypora dentro da Cocal Grande onde moramos até hoje. A história do índio Felipe Rodrigues é de uma vida na Aldeia Caypora com sua família como o atual cacique daquela Aldeia. Mas, ele é o mais idoso de sua aldeia e, sabe muitas coisas sobre a formação das Aldeias Bacurizinho e Mangueira. Sobre os conflitos, sobre o massacre do Alto Alegre a influência disto na união dos índios de muitas outras aldeias para se fortalecer na T. I. Bacurizinho sob a proteção do SPI que favoreceu na demarcação das terras indígenas.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia.

Sabendo o mesmo dos mais velhos daqui, ou seja, que a água do poço da Pedra secou, que depois da fuga dos índios da Aldeia Yhapaw abandonando ela até acalmar os problemas com a polícia do exército que perseguia os índios, os primeiros da família Tazahuyman chamado depois de Manoel Joaquim e outras que foram as pioneiras na formação da Bacurizinho. E, que o SPI foi fundamental trabalhando com o Governo Federal e do Estado para garantir demarcando áreas a liberdade e direito a terras dos Tenetehara.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco? Explique com suas palavras.

Acredito sim e, que é uma coisa normal de acontecer mas, que o índio também pôde aprender e, vem se valendo do aprendizado bom para a agricultura mas, que também existiu perdas de direitos e injustiças quando os primeiros cristãos vieram para estas terras para criar gado nas terras mais férteis.

E em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

Foi na minha opinião um modo diferente de educar as crianças índias, com mais diversão e mais novidades. E, todas se sentem bem na escola então eu concordo.

Faça agora um bom comentário sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

Que nossas tradições estão vivas apesar das mudanças no estilo de vida com a influência dos cristãos, e, que a educação nas escolas está respeitando isso.

Índia Ani Guajajara da Aldeia Igarana (70 anos) faz parte das cantorias do moqueado

A **índia velha** Ani Guajajara da Aldeia Igarana é acompanhante de animadora da festa tradicional moqueado e, concordou em responder as perguntas. Ela acompanha o trabalho dos pajés nas curas dos doentes e tem saberes importantes sobre a fundação das duas aldeias investigadas Bacurizinho e Mangueira

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

Quando estavam loteando a formação da Bacurizinho minha família me trouxe para esta aldeia no ano de 1954. Então acredito que passei a morar nestas terras indígenas já demarcadas nesta data. Depois formamos a Aldeia Igarana dentro da Bacurizinho. Mas, depois de dois anos deixamos a Igarana para viver de novo na Bacurizinho.

A velha índia Ani Guajajara falou também da existência do cemitério localizado na Aldeia Bacurizinho onde o Raimundo Lopes que é o pai do Alderico Lopes foram enterrados.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia

Quando fizeram a Aldeia Bacurizinho, construíram rua de chão sobre o cemitério onde tinha sido enterrado os seus primeiros fundadores, e, depois criaram um novo cemitério. Mas, também muita coisa mudou para se modernizar como os meios de transporte que passam por aqui facilitando a vida do índio que precisa ir à cidade de Grajaú e, também viajam para outras cidades. E, a educação, enquanto que muitos dos costumes indígenas estão sendo preservado com investimentos governamentais e participação da Funai como a festa da menina moça que é muito bonita e muito prestigiada por estudiosos de universidade de outras partes do Brasil e do mundo quando antropólogos pelo que foi dito se interessam em registrar tudo.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco? Explique com suas palavras.

Sempre velho que parte dos índios se mantém muito fiéis ao estilo de vida do passado, mas, de um modo geral é pra dizer que tem sim algumas diferenças. Porque os mais jovens se interessam por coisas novas e diferentes e se adaptam à cultura dos cristãos, até a religião vem sendo mudada nos tempos de século XX pra cá.

E em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

Na minha opinião os alunos é que podem falar melhor disso, eu já passei da idade para saber como é ser aluna. E, eles sempre voltam pra escola mesmo depois de deixá-la por algum tempo. Então acredito que é algo bom.

Sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

Os índios são uma só raça mesmo com dois nomes, e a Aldeia foi formada de forma igual acontece com todas outras, ou seja, é preciso saber se as famílias de indígenas vão poder ter o que precisam para sobreviver e passar bem com muita água que não acaba e se podem caçar e plantar para fazer tapioca e coletar frutos na mata. Para a alimentação ser correta. O rio Mearim foi o ponto de partida de tudo e a ação do governo federal no passado em concordar com demarcação das áreas indígenas foi muito aplaudida por ser o mais justo.

Indígena cacique José Lopes de 79 anos (Cacique na Aldeia Ipu ex-chefe do posto da FUNAI)

O cacique José Lopes na imagem acima foi escolhido para ser entrevistado por ter sido chefe do posto da Funai e ter boa capacidade de responder as perguntas escolhidas para esta entrevista de campo. O José Lopes é filho do Chico Lopes que ambos de uma família de caciques.

Quando foi que você veio morar na Aldeia Bacurizinho?

Na verdade, eu moro na Aldeia Ypú (que significa cachoeira), e meu irmão Raimundo Lopes é que mora na Bacurizinho. E, esta parte da minha família morava na Aldeia da Pedra quando tiveram de deixar esta aldeia e fundaram a Bacurizinho em 1954. Neste caso em específico o indígena entrevistado não morava na Bacurizinho, mas, seu irmão Raimundo Lopes sim e, foi morar lá no início de tudo, quando outras aldeias foram abandonadas para se formar uma grande tribo com o apoio do Serviço de Proteção do Índio – IPI.

Fale um pouco do que você sabe sobre a formação desta aldeia.

Tudo aconteceu de forma estratégica e com servidores públicos do que era o SPI pois, tinha apoio governamental para legalizar a ocupação depois da demarcação de terras indígenas para garantir terra e segurança aos Tenetehara. Sendo que esta terra já era ocupada com os índios da Aldeia Mangueira que já tinham laços familiar e amizade com os novos ocupantes que aceitaram a formação desta nova Aldeia Bacurizinho para unir os índios de diferentes famílias perto do rio Mearim.

Você acredita que a cultura indígena mudou muito com a influência do homem branco? Explique com suas palavras.

Muitas coisas que não preocupava o índio passou a preocupar, como a posse da terra para caçar e para viver em paz, a cultura do índio foi mudada com o nervosismo em se ver ameaçado pelo homem branco com sua cultura de criação de gado em fazendas que eram criadas nas terras que já eram ocupadas pelos índios Guajajara e Tenetehara. Por um lado, de início na aldeia Bacurizinho os índios produziam mais do que precisavam para o próprio sustento e vendiam couros de caças e cereais e, também madeira cedro que era cara para os grajauense e ganhavam dinheiro e viviam mais isolados, vivendo nas aldeias. E, com o tempo passou a querer viver mais dentro da cidade e estudar nas

escolas e viajar para outras cidades. Quando os Tenetehara vendiam madeira cedro navegando pelo rio Balsas, estes chegavam a ganhar um bom dinheiro. Mas, com o tempo foi-se percebendo que o capitalismo do homem cristão mais prejudicava os índios que se tornou menos solidários com os próprios irmãos do que ajudavam a unir os indígenas.

E em relação à escola que veio para cá, isso foi como?

Foi demorado para acontecer, e parte das escolas trazidas pelos evangélicos pouco antes de se formar a Bacurizinho, pois, outras Aldeias como da Pedra já tinham professores protestantes e, essa novidade foi levada para a Terra Indígena Bacurizinho, mas, neste tempo já com escolas feitas de alvenaria. Mas mesmo assim, muitas pequenas escolas da Bacurizinho são feitas de taipa que são mais escondidas em aldeias menores. Então existe uma esperança de que a educação possa mostrar um rumo de vida melhor através da educação para tornar índios profissionais no mercado de trabalho.

Sobre o que lhe interessar falar sobre esta aldeia e os Tenetehara e Guajajara.

No início os indígenas do Maranhão eram mais livres para formar suas aldeias sem necessidade de permissão dos servidores do SPI ou de Funai, eram mais felizes porque não tinham motivo de ter medo de estar infringindo alguma lei ou alguma terra alheia. E, é lamentável que os próprios índios estão se restringindo em termos de fartura, ou seja, é comum ver índio discutindo com outro índio por não permitir outro tirar madeira do seu pedaço de chão. As disputas existem e a falta de solidariedade vem fazendo parte do dia dos índios cada vez mais por causa de interesse por dinheiro. Mas, é lamentável que muitos índios com suas famílias de desmembram da aldeia em que vivem para tentar criar uma nova, exercer liderança e, esperar a possibilidade de receber benefícios da FUNAI para melhorar de vida desta forma. Mas, tem faltado ações educativas para produção de saber com técnica de criação de animais domésticos e de alimentos plantados.

Considerações Finais

Depois de todas as entrevistas com entrevistados indígenas da Aldeia Bacurizinho e de outra como a Aldeia Ypú como o cacique José Lopes, mas, que tem familiares fundadores na Bacurizinho, os dados coram coletados ficou mais fácil aprender sobre a história das Aldeias Mangueira e Bacurizinho.

Considero que estudar sobre a origem do meu próprio povo além de ser uma forma de valorizar minha cultura é um desafio e um prazer na condição de Tenetehara que sou.

Referências

ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC- FGV, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **As Leis e a Educação escolar Indígena**. Brasília: MEC/Secad, 2005. disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad_ed_indi_div_esc.pdf pesquisa feita

em 27 / 09 / 2019.

COELHO, Elizabeth Maria Beserra. **Território em confronto**: a dinâmica da disputa pela terra entre os índios brancos do Maranhão. São Paulo: Hucitec, 2002.

DEL PRIORI, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf pesquisa feita em: 27 / 09 / 2019.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas indígenas e comprometimento linguístico no Brasil – situação, necessidade e soluções. Cadernos de Educação Escolar Indígena – 3º Grau Indígena, Barra do Bugres, UNEMAT, v. 3, 2002. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf pesquisa feita em: 27 / 09 / 2019.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história**: o povo Tenetehara e busca de liberdade. Rio de Janeiro: Vozes. 2012.

Planta de Delimitação. DED – Departamento de Demarcação (FUNAI/DAF) dou: 31/10/2002. Revisão dos limites da Terra Indígena Bacurizinho com 134.040 ha. 18/09/2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Rosimary. **O rural no Sul do Maranhão e a construção de um lugar pelos sertanejos**. In: Encontro Nacional da ANPEGE, 2015, Presidente Prudente -SP. Anais do XI ENANPEGE, 2012, p. 1777-1789.

SCHROEDER, Peter. **Economia indígena**: situação atual e problemas relacionados à projetos indígenas de comercialização na Amazônia legal. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003.

SOUZA E BARBOSA, Manoel Nascimento e Erivaldo Moreira. **Direitos indígenas fundamentais e sua tutela na ordem jurídica brasileira**. www.ambitojuridico.com.br, 2011. Disponível em: http://bdn.unb.br/bitstream/10483/6695/1/2013_JoaoVictorDeFariasFurtadoEFreire.pdf pesquisa feita em 27 / 09 / 2019.

VIVEIRO DE CASTRO, Educaro B. **A inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.